

A Humanização através do Programa Recrutas da Alegria da Furg: um Relato de Experiência

Humanization through the “Recrutas da Alegria” (Recruits of Happiness) Program at Furg: a Case Report

Mayara Floss¹
Bruna de Lima Porto¹
Arthur Ferronato Dall’Agnol¹
Marilice Magroski Gomes da Costa¹
Lulie Rosane Odeh Susin¹

PALAVRAS-CHAVE:

- Humanização da Assistência;
- Pesquisa Qualitativa;
- Educação Médica.

KEYWORDS:

- Humanism;
- Qualitative Research;
- Medical Education.

RESUMO

As transformações nas condições sociais de trabalho surgidas nas últimas décadas restringiram a disponibilidade do contato profissional-paciente, levando a uma fragmentação e desumanização do cuidado à saúde. Dessa necessidade surgiu o programa Recrutas da Alegria (RA), da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), com a ideia de “formar um profissional diferente”, com o intuito de horizontalizar as relações com a equipe hospitalar e a abordagem dos pacientes. O RA é promovido pelos cursos da área de saúde da Furg e é uma ação de extensão. As atividades são desenvolvidas na Ala Pediátrica do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Júnior (HU). Esta experiência demonstrou que a humanização não é um fato isolado, não acontece em apenas um ambiente, mas constitui comportamentos e atitudes que se refletem na atuação dos acadêmicos. O programa permite aos acadêmicos questionar o papel do médico e do estudante do curso de Medicina, bem como valorizar as histórias que vão além da história clínica, compreendendo o paciente como um todo.

ABSTRACT

The transformations that have arisen in the social conditions of work over recent decades have restricted contact between the medical professional and the patient, leading to a fragmented and dehumanized health care. This need gave rise to the Recrutas da Alegria (RA — Recruits of Happiness) program at the Federal University of Rio Grande (FURG), with the idea of “training a different professional” in order to horizontalize relations with hospital staff and the patients’ approach. The RA is promoted by FURG courses in the area of health and is an outreach initiative. The activities are developed in the Pediatric Wing of the Dr. Miguel Riet Corrêa Júnior Teaching Hospital. This experience has demonstrated that humanization is not a one-off occurrence, it does not occur in just one environment, but rather constitutes behaviours and attitudes reflected in students’ work. The program enables students to question the role of the doctor and of the student doctor, as well as focusing on patient’s histories that extend beyond their medical history, understanding the patient fully.

Recebido em: 13/01/2013

Reencaminhado em: 29/04/2013

Aprovado em: 28/008/2013

INTRODUÇÃO

As transformações nas condições sociais de trabalho surgidas nas últimas décadas restringiram a disponibilidade do contato profissional-paciente. Esse processo surgiu frente ao rápido desenvolvimento científico e tecnológico. As ciências biológicas e exatas tornaram-se bases indiscutíveis do saber médico em detrimento das ciências sociais e humanas, sem que houvesse igual crescimento e valorização da perspectiva humanística da medicina¹. Em resposta a essa realidade, nos últimos anos formou-se um consenso sobre a necessidade de desenvolver e fornecer recursos humanísticos para o processo de formação e atuação dos profissionais da saúde.

Assim, surge a figura do palhaço, que sempre despertou encantamento e cuja origem se perde na linha do tempo. Destacou-se como uma figura religiosa dos festivais na antiga Roma, virou bobo da corte na Idade Média, até chegar ao teatro e ao circo².

Nos últimos anos, o palhaço tem participado gradualmente dos espaços hospitalares, com o intuito de promover um espaço de “terapia da alegria”. Nesse sentido, o palhaço possui a capacidade de ser e fazer coisas que num contexto rotulado de normalidade não poderiam ser feitas. Assim, a nova ótica da terapia com o paciente requer não apenas a sofisticação do médico com conhecimentos técnicos e aprimoramento no sentido de examinar, mas, também, a visualização humana dos médicos, a participação das vivências do paciente³.

Dessa forma, o programa Recrutamento da Alegria (RA) foi criado em 2011 e idealizado a partir do olhar dos acadêmicos de Medicina no ambiente hospitalar, com a intenção de melhorar esse ambiente e desenvolver uma prática mais humanizada. Propõe-se auxiliar os pacientes e equipes hospitalares, contribuindo para a construção de um ambiente mais acolhedor e leve, auxiliando no processo de cura e ajudando a construir um profissional mais humanizado e capaz de trabalhar em equipes interdisciplinares.

A busca deste profissional é realizada por meio do uso de técnicas de clown. O clown exige o rompimento de um conhecimento cristalizado, solidificado na inteligência, esportividade, sucesso, mostrando outro ponto de vista social, estético e cultural ao avesso, transgredindo com a arte valores da sociedade⁴. O clown e o ambiente em que ele está se dispõem mutuamente a um jogo de receber, trocar e devolver estímulos comicamente⁵. Assim, na figura do clown o RA procura encontrar uma forma de interação diferente com o ambiente hospitalar.

Este artigo propõe uma reflexão sobre a formação do programa, sua atuação e contribuição para a formação do profissional médico, demonstrando como ações de extensão que

utilizam a técnica do clown podem contribuir para a formação humana do profissional da saúde.

DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento do presente relato empregou-se a observação participante⁶ e sistematização da experiência⁷. Esta avaliação sobre as vivências dos extensionistas do RA ocorreu ao longo dos anos de 2011 e 2012 por meio das relatorias efetuadas após cada encontro no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Córrea Júnior, com as ações e impressões dos acadêmicos. Além disso, foi realizada a coleta dos depoimentos e relatos dos extensionistas, registros em fotos e filmes das experiências e produções científicas produzidas pelos integrantes.

Estrutura do programa

As ações do programa são desenvolvidas no município de Rio Grande, situado na região sul do Rio Grande do Sul, distando 317 quilômetros da capital Porto Alegre e com uma população aproximada de 198 mil habitantes.

Atualmente, o programa possui 30 extensionistas entre acadêmicos de cursos da saúde, professores e técnicos do hospital. A atuação dos RA se divide em dois momentos principais: RA em formação e RA em ação.

O RA em formação se constitui de oficinas quinzenais de formação e reflexão dos extensionistas que visam ao amparo da prática no hospital e surgem da compreensão das dificuldades que esta atividade impõe. Essas oficinas compreendem: aspectos sobre o indivíduo enfermo, trabalho em equipe, interdisciplinaridade e aptidões artísticas.

O RA em ação compreende atividades semanais realizadas aos sábados durante o período letivo e em datas comemorativas no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Córrea Júnior (HU), principalmente no setor de Pediatria, mas também acontecem no Serviço de Pronto Atendimento. Nessas atividades, os extensionistas se caracterizam como clowns e realizam atividades lúdicas, proporcionando amparo e alívio das ansiedades geradas nos pacientes pelo ambiente hospitalar.

Recursos

Todos os integrantes do projeto utilizam jalecos brancos de mangas longas, com os botões e bolsos coloridos, tendo nas costas escrito: “Não existe nada tão sério que não possa ser tratado com um sorriso”. Cada clown desenvolveu uma maquiagem e uma forma de se vestir, caracterizando-se por penteados, chapéus, perucas, gravatas coloridas — são utilizados narizes de palhaço vermelhos para finalizar a caracterização.

Em cada visita ao setor de Pediatria são utilizados brinquedos de plástico (martelos de plástico, tesouras gigantes)

e materiais para produzir bolhas de sabão, linguetas, narizes vermelhos para doação. São usados balões para modelagem de animais (cachorros, girafas, coelhos, etc.). Os materiais são levados nos bolsos dos jalecos e em uma maleta colorida. O RA possui um repertório musical, com cantigas e músicas infantis, faz brincadeiras infantis, usa técnicas de improvisação e interação com a equipe hospitalar, as crianças internadas e os acompanhantes.

Antes da ida do grupo ao hospital, um integrante busca o perfil das crianças internadas, para definir a forma de abordagem com um resumo da história clínica atual e uma breve descrição do estado geral da criança em relação ao que possa interferir no processo de brincar (imobilização, soro, sonda, dreno, curativos, repouso, jejum).

Todos os integrantes do grupo têm em bolsos internos do jaleco álcool gel a 70% para desinfecção. Antes de cada visita, todo brinquedo é descontaminado para ser utilizado. Os jalecos são submetidos a lavagem simples, com água corrente e sabão neutro.

Recrutas da Alegria: reflexões, críticas e aprendizados

O programa Recrutas da Alegria foi criado em 2011, com a ideia de “formar um profissional diferente”, com a ideia de horizontalizar as relações e a abordagem dos pacientes, equipe e famílias, conforme o relato de acadêmica criadora do projeto:

“O Recrutas da Alegria surgiu primeiramente para ser um projeto de acolhida dos calouros do curso de Medicina em 2011, mas sinto, como fundadora, que surgiu também da nossa necessidade de querer ser um profissional diferente, de poder compreender e atender de maneira transformadora aqueles que estão ao nosso redor. Primeiro se chamou Calouros da Alegria, mas, como todos queriam continuar com o projeto, surgiu o nome “Recrutas da Alegria” no sentido de sermos principiantes na arte da medicina e da alegria. É muito interessante olhar “para trás” no projeto e ver como crescemos: no começo, as roupas eram improvisadas com os nossos jalecos, a maquiagem vinha dos nossos próprios estojos de maquiagem, mas o que motivava era essa vontade inexplicável de querer o diferente. Rapidamente, as coisas foram “ganhando mais forma”, começamos — pela necessidade de formar um clown, de poder atuar e ser competente na enfermaria — a criar oficinas de formação, a trazer professores para perto da nossa ideia e a estruturar o projeto. Hoje, somos um programa! Com jalecos estilizados, maquiagens, uma certa estrutura. Mas sinto que o essencial

não mudou, que é procurar uma formação diferente, humana e que consiga horizontalizar aqueles que estão ao nosso redor, a equipe, os acompanhantes, familiares e o paciente.”

O Recrutas da Alegria tem permitido vivências que demonstram a humanização. Embora o termo laico “humanização” possa guardar em si um traço maniqueísta, seu uso histórico o consagra como aquele que rememora movimentos de recuperação de valores humanos esquecidos ou solapados em tempos de frouxidão ética⁸. Nesse contexto, é possível perceber essa humanização de acordo com o relato:

“O Recrutas fortaleceu minha certeza de que um sorriso, uma conversa e pequenos gestos são fundamentais para qualquer paciente internado em hospitais, especialmente quando falamos de crianças. A insegurança para os pequenos de estar em um lugar estranho, longe de brincadeiras, rodeados por regras e procedimentos indesejados, transforma uma internação em um período de sofrimento e angústia. Aprendi com o Recrutas que qualquer gesto que amenize esta passagem é válido e de imenso valor para uma criança, podendo transformar um futuro trauma em uma lembrança mais feliz. E estes gestos devem partir de todo profissional da saúde no atendimento infantil, não só em projetos de finais de semana!”

Outro aluno consegue transitar entre a figura do clown e a formação médica, que, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais, inclui dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no graduando atitudes e valores orientados para a cidadania⁹:

“Tem certas coisas que não aprendemos na sala de aula. Quando vou à enfermaria, ali vejo a prática de como é a humanização, de como é ser. Estou em contato com o meu lado mais humano e posso me travestir e me despir de todas as ideologias e convenções. E assim, quando me exponho e coloco um dos meus “eus” para fora, consigo transformar o meu agir sem estar travestido.”

Nesse contexto, o clown pode lidar com o avesso que percebe de si e do mundo sem se assustar por tornar todo o drama brincadeira, por não deixar se levar sobre as certezas de si mesmo, nem por sua loucura nem por sua sanidade¹⁰. Humanizar é reconhecer o campo das subjetividades como instância fundamental para a melhor compreensão dos pro-

blemas e para a busca de soluções compartilhadas. Participação, autonomia, responsabilidade e atitude solidária são valores que caracterizam esse modo de fazer saúde que resulta, ao final, em mais qualidade na atenção e melhores condições de trabalho. Sua essência é a aliança da competência técnica e tecnológica com a competência ética e relacional⁸ (p. 255). Aliar a competência técnica com a tecnológica, inúmeras vezes, é difícil, e no programa é possível ver este “resgate” de um acadêmico:

“O Recrutamento da Alegria resgatou alguns valores que ao longo dos anos da faculdade de Medicina haviam se perdido, como não enxergar a relação médico-paciente apenas como um conjunto de perguntas pre-determinadas ou o doente como uma mera doença. Ao longo da faculdade, escutamos muitas coisas a respeito de como devemos ser médicos humanos e encarar o paciente na sua integralidade, entretanto acredito que pouco se propiciam discussões de como enxergar o paciente em sua totalidade; ao contrário, a prática nos impele a uma frieza supostamente “necessária” para sobrevivermos às angústias com as quais, como médicos, teremos que lidar. Nesse sentido — por ampliar minha noção do que é encarar o paciente como um ser integral, observando não só a doença deste mas sua percepção a respeito da sua realidade —, considero o Recrutamento da Alegria uma experiência transformadora em minha formação.”

Pelo simples fato de estar atento e disponível ao outro, o palhaço consegue entender a situação em que este se encontra e, assim, possibilita uma ressignificação daquilo que parece difícil ou doloroso de se viver, seja ele paciente, familiar ou trabalhador da saúde¹¹. Além disso, a rápida integração dos estudantes que podem participar desde o primeiro ano do curso demonstra o diferencial da proposta, que desde o princípio aproxima os acadêmicos da questão da humanização:

“A proposta de um contato diferente com o paciente sempre me chamou a atenção. As oficinas me ajudaram a crescer não só como profissional, mas muito mais como pessoa. Praticamos bastante como interagir, tanto com o colega, quanto com a criança. Linguagem corporal, improviso, desinibição e muitas outras coisas, que, sem percebermos, acabam por nos formar um ser mais social e comunicativo. Em relação a minha futura profissão, meu palpite é de que poderei ser uma melhor profissional, em diferentes sentidos.

Primeiro, a mensagem de que “Não existe nada de tão sério que não possa ser tratado com um sorriso”, que é o lema do projeto, ou seja, em meio a tanta teoria, o Recrutamento é a ação mais humana que realizo na universidade. Segundo, por ser acadêmica do primeiro ano, é o meu primeiro e único contato com o hospital. Encarar as situações delicadas que comportam um hospital pela primeira vez não é fácil, porém estar vestido de clown ameniza um pouco, não faz eu me sentir tão impotente em meio a tantas coisas de que eu não teria controle como uma simples acadêmica, o que acredito que me dê ânimo para seguir em frente.”

O não reconhecimento das subjetividades envolvidas nas práticas assistenciais no interior de uma estrutura caracterizada por rigidez hierárquica, controle, ausência de direito ou recurso das decisões superiores, circulação da comunicação apenas descendente, descaso pelos aspectos humanísticos e disciplina autoritária fizeram do hospital um lugar onde as pessoas são tratadas como coisas e no qual prevalece o não respeito à sua autonomia e a falta de solidariedade¹². A transformação humana e a atuação com a equipe de saúde do Hospital Universitário podem ser percebidas pelo seguinte depoimento de acadêmica:

“O Recrutamento da Alegria instiga o ato de olhar a criança, olhar a família e todos ao redor de maneira diferente, e isso é mágico, é incrível, é extremamente prazeroso. É incrível poder inventar florestas, animais, princesas e tudo aquilo de que a imaginação for capaz, sabendo que naquele momento o que imaginamos pode se tornar realidade e pode fazer as pessoas saírem por alguns momentos da realidade. Essa maneira de olhar as coisas altera a ideia sobre a atuação profissional e nos torna muito mais humanos. Até a equipe de saúde tornou-se, a meu ver, muito mais receptiva e até mesmo entusiasta do projeto à medida que foi vendo nosso progresso.”

Além disso, sabe-se que situações críticas como uma hospitalização demandam alto grau de elaboração, já que geram ansiedade e medo em relação aos acontecimentos nem sempre compreendidos³. Nesse sentido, o humor permite à criança explorar fatos que, por obstáculos pessoais, não poderia explorar de forma consciente³. Assim, as experiências humanizadoras no ambiente hospitalar auxiliam tanto na formação do futuro profissional da saúde, como na superação das dificuldades de elaboração tanto da família quanto da criança, como é possível perceber no seguinte relato:

“Uma vez chegamos ao SPA e lá estava uma criança em uma cadeira de rodas de mãos dadas com seu pai. Claro que ela não estava alegre, visto que estava doente e não podia brincar com seus amigos lá fora. Mas não havia apenas tristeza naqueles dois, havia uma sensação de peso, de angústia, de incerteza. Quando cheguei para conversar com a criança, o pai me disse que hoje não era um bom dia, que o filho há uma semana não sorria. Não sei por que, mas não fui embora; resolvi, simplesmente, sentar ao seu lado e perguntar se ele queria que eu fosse embora. A criança não disse nada! Então, eu fiz uma bolha de sabão, e outra, e outra. Até que em um momento a criança ergueu o braço que tinha o acesso e estourou uma das bolhas. Naquele momento senti que ela queria ser tirada da monotonia e agonia do ambiente hospitalar. Então, após algumas brincadeiras e sorrisos, a criança estava praticamente querendo se levantar da cadeira. Aquilo foi muito gratificante para mim. Porém, acho que a maior recompensa não estava na criança sorrindo e interagindo com os palhaços, mas sim com o pai, com os olhos cheios de lágrimas dizendo-me: ‘Obrigado!’.”

Ainda, o clown permite a valorização da subjetividade numa realidade onde há grande presença do impessoal nas relações, como no caso do ambiente hospitalar⁸. Dessa forma, os acadêmicos podem se questionar sobre o papel do médico e do estudante do curso de Medicina, bem como sobre a valorização desses saberes diferentes, das histórias e de ir além da história clínica, compreendendo o paciente como um todo:

“Entrar no Grupo dos Recrutadas me ajudou a conhecer melhor o papel do médico e do estudante de Medicina no dia a dia dos pacientes, a vê-los com mais respeito e a tentar entender melhor por que apresentam determinados comportamentos no hospital. Através do contato próximo aprendi, com os colegas e com os pacientes, que atingir a cura não depende apenas de processos técnicos, mas também de diálogo, respeito e, acima de tudo, alegria. Com o passar deste ano, aprendi a olhar os pacientes como possuidores de histórias, expectativas e sentimentos que, ao serem considerados, tornam mais completo o atendimento profissional.”

Como recurso terapêutico, o clown possibilita diferentes formas de comunicação, tornando-se uma via de acesso que permite a crianças exteriorizar seus medos, dores, angústias

e limitações¹³. Essas experiências transformadoras e humanas incluem lidar com o diferente, com as deficiências e a forma de compreender a diversidade e a improvisação. Além disso, é necessário visualizar formas de inclusão e trabalhar com deficiências e dificuldades, que muitas vezes podem se transformar em uma barreira no relacionamento com o paciente, conforme este depoimento:

“Ao nos aproximarmos, vimos que ela era neuropata. Ela enxergava muito pouco, não falava e dependia dos pais para se movimentar. A primeira coisa que pensei quando vi o estado físico dela foi como fazê-la se sentir igual às outras crianças, como fazê-la se divertir como as outras crianças e tornar aquela tarde dentro de um quarto de hospital um pouco mais alegre para ela. Comecei a conversar com ela, a lhe mostrar os brinquedos até chegar às milagrosas bolhas de sabão. Enquanto eu ia fazendo as bolhas e conversando com ela, a mãe nos olhava com uma mistura de agradecimento e ternura, até que uma das bolhas estourou no rosto de Mariana e nele surgiu um largo sorriso. Nesse momento percebi que os papéis tinham se invertido: Mariana é que tinha tornado minha tarde mais feliz.”

Além disso, os integrantes do programa levam seus aprendizados para outras atividades da prática. A humanização reconhece o campo das subjetividades como instância fundamental para a melhor compreensão dos problemas e para a busca de soluções compartilhadas. As mudanças de comportamento dos alunos e de abordagem não ficam presas à atuação do clown, mas são travestidas também para outros ambientes, como é possível perceber neste depoimento:

“Ainda, acredito que o Recrutadas contribui para a formação de um profissional com um olhar mais humano, capaz de perceber detalhes e de se aproximar de forma mais fácil do paciente, ganhar sua confiança e facilitar o andamento da consulta ou do procedimento a ser realizado. Me lembro de uma vez na Pediatria quando estávamos acompanhando as consultas e uma garotinha entrou chorando, e não era para menos, afinal ela estava em um lugar desconhecido e com muitas pessoas desconhecidas. Por mais que a mãe tentasse, não havia forma da garota se acalmar. Tudo em que ela se agarrava era, literalmente, a sua boneca de colo. Aquela parecia que seria uma consulta terrível não só para a garotinha, mas, sim, para mim e muitos de meus colegas que estavam na sala. Entretanto, quan-

do a consulta estava próxima de começar, eu me sentei à mesa e, na hora de começar a escrever, olhei para a menina e perguntei, apontando para a boneca em seu colo: 'Então, qual é o nome da nossa paciente?'. Aí, a garota ficou um pouco confusa, olhou para a mãe, virou para mim e disse, ainda em meio aos soluços: 'Não, sou eu que vou consultar!'. Então eu conversei mais um pouco com ela, perguntando se ela tinha certeza disso, qual era a idade da boneca; enfim, com mais um pouco de conversa, alguns sorrisos apareceram e a consulta foi maravilhosa, com a criança, é claro."

Assim, a humanidade não fica restrita apenas ao programa, as atitudes extrapolam a abordagem dentro do hospital, sendo levadas para as atuações com os acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as vivências do Programa de Extensão dos RA desde que o projeto foi fundado em 2011 e até 2012, foi possível perceber que o programa aproximou o extensionista, por meio do clown, dos pacientes e da equipe de saúde, transformando a prática do futuro profissional da saúde.

Além disso, para os acadêmicos do RA, a figura do clown permitiu o desenvolvimento de outras formas de comunicação e interpretação, utilizando recursos de improvisação e aproveitando a criatividade como forma de lidar com imprevistos.

Nesse sentido, graças à ação dos RA foi possível perceber que a humanização em saúde é um trabalho processual, de longo prazo e dinâmico. Ainda demonstrou-se neste relato a importância da inserção precoce em atividades como o RA que trabalham com a humanização na formação acadêmica dos cursos da saúde.

Enfim, a avaliação das vivências do RA foi positiva. Percebeu-se que a ação de humanizar e as suas reflexões não são um fato isolado, não acontecem em apenas um ambiente, mas constituem comportamentos e atitudes que se refletem na atuação dos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

1. Ezequiel OS, Tibiriçá SHC, Oliveira SP, Segrégio CAS, Souza DMP, Silva LF. Avaliação da abordagem do humanismo na relação médico-paciente, antes das mudanças curriculares e após, no Curso de Medicina da UFJF. HU Revista. 2008;34(3):167-72.
2. Sacchet POF. Da discussão "clown ou palhaço" às permeabilidades do clownear-palhaçar. Porto Alegre; 2009. Mestrado [Dissertação] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3. Machado MMP, Gioia-Martins D. A criança hospitalizada: espaço potencial e o palhaço. Bol. Iniciação Científica Psicol [periódico na internet]. 2002 [acesso em: 15 dez. 2012]; 19-34. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/3/3_a_crianca_hospitalizada.pdf.
4. Wuo AE. A linguagem secreta do clown. Integração [periódico na internet]. 2009 [acesso em: 15 dez. 2012]; 15(56):57-62. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/57_56.pdf.
5. Machado MAAP. Uma nova mídia em cena: corpo, comunicação e clown [online]. São Paulo; 2005. Doutorado [Tese] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. [acesso em: 15 dez. 2012]. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/1/TDE-2005-09-01T10:25:03Z-1106/Publico/Tese%20Maria%20Angela%20de%20Ambrosio.pdf.
6. Minayo MCS. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 6ª ed. São Paulo: Vozes; 1992.
7. Holliday OJ. Para sistematizar experiências [Monografia na internet]. 2ª ed. Brasília: MMA; 2006. [acesso em: 15 dez. 2012]. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf.
8. Rios IC. Humanização: a essência da ação técnica e ética nas práticas de saúde. Rev Bras Educ Med. 2009;33:253-61. DOI: 10.1590/S0100-55022009000200013.
9. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Resolução CNNE/CES nº 4, de 7 de novembro de 2001; Diário Oficial da União. Brasília, 9 nov. 2001; Seção 1, p. 38.
10. Dorneles JL. Clown o avesso de si: uma análise do clownesco na pós-modernidade [online]. Porto Alegre; 2003. Mestrado [Dissertação] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [acesso em: 15 dez. 2012]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2370/000368711.pdf?sequence=1>.
11. Sena AGG. Doutores da alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida. Belo Horizonte; 2011. Mestrado [Dissertação] - Universidade Federal de Minas Gerais.
12. Sá MC. Em busca de uma porta de saída: os destinos da solidariedade, da cooperação e do cuidado com a vida na porta de entrada de um hospital de emergência [online]. São Paulo; 2005. Doutorado [Tese] - Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia da USP. [acesso em: 15 dez. 2012]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/>

disponíveis/47/47134/tde-16022006-121307/publico/te-semarilene.pdf.

13. Lima RAG, Azevedo EF, Nascimento LC, Rocha SMM. A arte do teatro clown no cuidado às crianças hospitalizadas. *Rev Esc Enferm USP*. 2009;43(1):8. DOI: 10.1590/S0080-62342009000100024

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Mayara Floss participou na elaboração do projeto, coleta e organização dos dados para análise, análise dos dados, formatação do artigo conforme as normas da revista. Bruna de Lima Porto e Arthur Ferronato Dall'Agnol participaram na elaboração do projeto, coleta e organização dos dados para análise e análise dos resultados. Marilice Magroski Gomes da Costa e Lulie Odeh Susin participaram na elaboração do projeto, análise dos dados e revisão final do artigo.

CONFLITO DE INTERESSES

Declarou não haver.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Mayara Floss
Rua 24 de maio, 24 — apto. 302
Centro — Rio Grande
CEP. 96200-003 RS
E-mail: mayarafloss@hotmail.com